

Capítulo 6

Acessei o *site* desta galeria e, na sessão AGENDA, esta exposição estava marcada para maio.

(...) Acordo, lavo o rosto e lembro que tenho uma exposição para resolver. Mas ninguém precisa desta exposição, espera por ela ou se importa dela ainda não ter potência para existir. Sou supérfluo: artista. Isto é um alívio. Isto é um alívio? As placas dizem: precisa-se de frentistas, tributaristas, enfermeiros e técnicos em informática. O que faço é uma profissão? Um jogo? Uma brincadeira? Regra do jogo-brincadeira: começa-se no menos um, não no zero, e salta-se direto para o um. A casa zero, o vazio de onde brotaria a necessidade que teriam de um artista, não nos é dada. Este salto será sempre um pouco mais arriscado e um pouco maior que minhas pernas. Com o tempo passei a crer, também, que tem-se de fazer um trabalho, saltar, e já sair correndo para que ninguém venha atrás, precisando do artista. Mas precisar não é um verbo apropriado. Qual será? Eu nunca havia precisado dos livros da minha estante, até o dia em que os li e eles formaram meus cacoetes. Mas se alguém precisa muito de arte, esta pessoa deve ter problemas. Não se pode necessitar de arte, caso o contrário, ela vira serviço de utilidade pública e não haverá diferença entre um artista e a SABESP: abre-se a torneira com a certeza de que água encanada virá. Não quero ser água potável. Puxo o fio das minhas digressões e me dou conta de que o dia de hoje foi marcado por esta sensação de alívio: a exposição que farei em maio não causa qualquer expectativa em ninguém, a não ser em mim.

(...) Há um **espaço branco** me aguardando para maio. Tão branco quanto hospitais. Quando entro num hospital, me pergunto se é um espaço de saúde ou de doença. Depende da ótica por onde se quer olhar as coisas. No caso do **espaço branco** da minha futura

exposição, as dicotomias são mais que duas, e tudo depende de por onde se quer olhar as coisas.

(...) Você não soube me olhar de um jeito que não fosse cinematográfico. Em matéria de olhar, sou piegas e meio burro. Então, usei um vocabulário específico, com aliteraões bregas, como devem ser bregas os ritmos de acasalamento. Mas você continuou demorando. Neste meio tempo, assisti o filme da Miranda July e percebi que você é magro demais, comete erros de português ao falar – justiça seja feita, erros muito sutis: “se eu o ver (sic)”, “vamos se ver (sic)”, porém erros – e distribui senhas demais. Não pego senhas. A tua, joguei no lixo verde da prefeitura.

(...) Peguei o número 363 na fila do Poupa-Tempo. Devo fazer uma exposição depois d’O *Performer*, que fiz em dezembro no Paço das Artes. Tentei contato com o *performer* para lhe pedir conselhos, mas não o encontrei. Outro dia pensei tê-lo visto no sorriso sem bunda do rapaz à minha frente, num jantar de amigos. Ilusão (sic). Enquanto tentava um contato com o *performer*, o **espaço branco** me cobrava uma atitude, uma palavra, um posicionamento, e não pude mais perder tempo indo atrás dele. Tive vontade de ligar para a Daniela Castro e perguntar se ela crê que o *performer* já virou personagem literário e por isso sumiu. Mas tive medo dela cobrar de mim a pizza meio aliche meio portuguesa que ela dividiu com o *performer* e ele ainda não lhe pagou. (Aliás, Daniela, perdi teu telefone. Se você vir esta exposição, me ligue ou passe o número por e-mail. Devemo-nos uma cerveja). Por fim, passei a crer que o *performer* virou personagem literário, já não está mais sob minha batuta e procura emprego na figuração de alguma literatura de bolso. Ele não precisa mais de mim. Depois que se faz um trabalho de arte e o torna público, ele deixa de ser filho para virar ex-amante: sempre meio longe, dialogando com outros, se dando melhor que a gente, deixando notícias suas nos atingir. Acabaram de chamar o 362. Sou o próximo. E tenho um **espaço branco** me esperando.

(...) Sentir-se chamado para fazer um trabalho de arte pode ser brochante. “Artista número 72, queira por gentileza inspirar-se”. O bom é fazer um trabalho que ninguém espera ou quer, furar a fila, aproveitar o momento em que está todo mundo olhando para o outro lado, de costas para mim. É como criança que solta biribinha. Onde serão as costas deste **espaço branco**?

(...) O **espaço branco** à minha frente olha-me olho no olho. Ele espera, de mim, uma pintura, ou um desenho, ou uma gravura, ou uma fotografia, ou uma escultura, ou um objeto, ou uma instalação, ou uma performance, ou um vídeo, ou uma vídeo-instalação, ou um etc. Ele esvazia de um só gole o copo americano, descruza as pernas, cruza os braços e indaga-me: e aí, decidiu? Queria flertar com o etc, respondo ao **espaço branco**, que parece estar perdendo a paciência comigo.

(...) Não tenho muita paciência e fico absolutamente constrangido ao perceber que um escritor está fazendo de tudo para me deixar, enquanto leitor, de pau duro. O erotismo não é do campo das palavras. Acho qualquer texto erótico uma ode à cafonisse. O erotismo é campo do cinema e da culinária etílica. Há coisas que as palavras estragam, não suportam narração. Livros não deveriam ser filmados. Haverá em maio um **espaço branco** agendado para mim. Eu tenho escrito muito. Não sei se a escrita é compatível a este **espaço branco**.

(...) Hoje lembrei que sou artista plástico. Mas ando escrevendo. Artistas plásticos não escrevem. O que fazem, a princípio, deve ser estético. Mesmo hoje, pós-conceitualismos. Estética e escrita são incompatíveis? Sempre achei muito bonito as palavras escritas. Mesmo escrito no alfabeto ocidental, às vezes quando olho um livro é como se eu estivesse vendo um livro japonês. Gosto da estética das coisas, por isso tenho este olhar parado, que se atrasa. Por isso, também, fujo de poesia declamada: prefiro ver as palavras do que ouvi-las. Olha como é bonito o meu digitar no teclado do meu computador, as letras que vão surgindo e acumulando-se em texto, da esquerda para a direita, caminhando e dando um salto no final das linhas, de volta à esquerda.

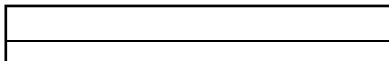
(...) Há uma lista de questões-clichês para problematizações (não gosto deste termo-clichê, detesto-o) de universidade: globalização, aquecimento global, capitalismo global (da raiz: *glob*), o “que fim levou a esquerda?”, guerras civis na África, alguns totalitarismos que persistem, a sociedade administrada, o problema da água, os “excluídos” e a questão “do quê?”, o “querer excluir-se”, o “sorria, você está sendo filmado”, o Fidel que renunciou ontem, as doenças sexualmente transmitidas, o liberalismo, o amor não sexualmente transmitido, a sociedade da eficiência, os *best-sellers*, o crime organizado, a violência desorganizada, o “até que idade se é um jovem artista?”, o gerúndio do tele-marketing, os marqueteiros, etc... Há um detalhe que talvez escape a um olhar menos atento, mas que devo ressaltar: imerso em tudo isso, respirando mas tossindo, estou eu, com um **espaço branco** ao meu dispor.

(...) Cof! Cof! Cof! Aos dezesseis anos eu era mais gordo e sabia que ia mudar o mundo. Se nessa época eu tivesse ao meu dispor um **espaço branco**, talvez saísse uma exposição gorda, meio expressionista e maniqueísta, pois os adolescentes costumam ser expressionistas e maniqueístas. Aos trinta e dois anos estou mais magro e me satisfaço em compartilhar e trocar pontos de vistas/vidas com quem está ao meu lado e a poucos raios de mim, começando por você aí, ei!, ao meu lado e do meu tamanho.

(...) Trinta e dois anos. Estou duro. Meu celular não fotografa. Meu iMac é lento e está com os dias contados: versão OSX 10.2.8. A exposição foi adiada para junho. Voltou para maio. Não tenho plano de saúde. Este mês, o dentista obturou minhas economias. Ganhar um

prêmio, destes que há por aí, seria uma mão na roda. Mas, para isso, entre muitíssimas outras coisas, é preciso fazer uma exposição incrível neste **espaço branco**, fotografá-la muito bem e montar um lindo *portfolio*. E se eu mandar um projeto para um prêmio onde eu prometa que, se eu ganhar, aí sim, com as contas pagas, farei uma exposição incrível e em breve terei um *portfolio* digno, com catálogos, textos sobre meu trabalho e cópias de matérias de jornais? Ou então pedir uma bolsa residência avisando que não sei o que fazer quando chegar, não sou muito bom em projetar o que vai acontecer, mas sou criativo e rápido no ato do acontecimento e sou um rapaz esforçado? Talvez não dê certo, é sinceridade demais, e vivo na era do merecimento e da esmagadora importância estatística dos resultados.

(...) A exposição¹ será um texto. Uma mini-autobiografia. É um bom resultado? É justo escancarar o quanto os bastidores são sem graça, bem neste espaço reservado à excelência do espetáculo perfeito? Se você, que agora me lê, me conhece, sabe que tudo o que escrevi até aqui são entrelinhas. Sou muito menos do que tudo isso. Já para você que não me conhece, desconfie do que escrevo, pode ser tudo ficção. Usei demais a primeira pessoa e essa é a melhor forma de tornar a verdade obsoleta. Mas o que importa é que você, em pé, lendo-me, é tudo o que pude preencher neste **espaço branco** e vazio, reservado para mim desde o final do ano passado. Porém, não considere que este texto que escrevo é a isca que joguei para você, para que eu me sentisse artista. Sempre achei a pesca uma violência abominável. E, no fim, este teu preenchimento irá embora num só movimento, literal e literário, quando você terminar de ler este romance de quatro páginas e for embora. Mas, se até agora, neste texto, te contei tanta coisa e te forcei a respirar de acordo com minhas vírgulas e pontos finais, mesmo que você não queira, você me levará embora contigo, dando pelo menos os teus dois próximos passos sob o ritmo da minha má pontuação. Leve. Textos não são sólidos, por isso somos propriedade de quem nos queira.



¹ O **espaço branco** me espera para maio. Um matadouro: para emprestar uma carga dramática à coisa. Um queijo de boate: para emprestar uma carga erótica à coisa. Só cabe a mim resolver se farei, no tal **espaço branco**, meu sacrifício ou meu strip-tease. Cara para o matadouro, corôa para o queijo de boate. Jogo a moeda para o alto e ela cai. Então, é isso. Ok, a escolha foi feita.